

Forma-r: de-forma-r: trans-forma-r:

Romaguera, Alda Regina Tognini

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Romaguera, A. R. T. (2008). Forma-r: de-forma-r: trans-forma-r:.. *ETD - Educação Temática Digital*, 9(esp.), 308-315.
<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-72995>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

FORMA-R: DE-FORMA-R: TRANS-FORMA-R:**TO FORM: TO DIS-FORM: TO TRANS-FORM:***Alda Regina Tognini Romaguera*[Assista ao vídeo Pulsar¹](#)

Escrita-mapa-convite, passaporte para nos admitir em outro território: o da dúvida; uma provocação que se inicia com a projeção de imagens, concebidas para pensar pelo avesso, ao contrário, as questões educacionais na contemporaneidade. O convite ao embarque que aqui se apresenta pretende traçar outras rotas, menos previsíveis, que levem a abdicar do conforto, da segura âncora histórica oferecida por pedagógicos textos, para transitar pelos incertos caminhos do agora.

Estas imagens foram geradas a partir de fragmentos de escrita, que compus de repente, que me tomaram o pensamento e se fizeram textos. Já que se manifestaram assim, como um nascimento sem gestação, imaginei outros jeitos para apresentá-los, que não apenas pela palavra escrita: com imagens, posto que os queria em movimento. Mais que isto, queria que pulsassem e que provocassem sensações em quem os assistisse, que deslocassem o olhar habituado para incomodar, produzir efeitos.

Texto que traduz minha vontade de pensar educação e arte, cuja proposta é a de explorar uma educação dos sentidos:

FORMA-R: DE-FORMA-R: TRANS-FORMA-R:

Palavras pulsantes

Ao chacoalhar os vocábulos que nomeiam este texto, pulsaram e escapuliram letras que se desalinham e me provocaram a pensar alguns dos aspectos da educação que vibram nestas palavras. Da palavra-valise *forma* derivam movimentos, ondulações semânticas

¹ <http://www.vimeo.com/1609590>

prefixais que a negam ou a atravessam, sem no entanto ultrapassá-la, perfurá-la, roubando-lhe o sentido. Aproximando este substantivo feminino - *forma* - do outro - *educação* -, foi possível ensaiar passos para uma dança vocabular. Inicialmente busquei em Houaiss a etimologia da palavra educação, que deriva do latim *educatio* e comporta a '*ação de criar, de nutrir; amamentar, cuidar, educar, instruir, ensinar*'; *cultura, cultivo*'. Repetindo o procedimento para o vocábulo forma, resultam múltiplos sinônimos, dentre os quais: *formato, feitiço, figura; estado físico sob o qual se apresenta um corpo, uma substância etc.; aparência física de um ser ou de uma coisa; um ser ou objeto indistinto, percebido imprecisamente; modo, jeito, maneira, método*.

Dá vontade de virar do avesso esses exercícios de reconhecimento. Amorfizar a forma, morfa. Agramaticar a educação.

Se palavras nomeiam coisas e procedimentos, com Deleuze e sua proposta do pensamento por experimentação é possível pensar outras abordagens para as palavras, fora do campo da representação, tornando-as múltiplas. Operar na vivência, na duração intensa e intensiva de um tempo aiônico, do infinitivo do verbo. Com este procedimento, transformá-las em **palavras pulsantes**. Em seus **pulsares**, perceber matizes e nuances de **cores, sons, formas**, que abrem possibilidades para propor movimentos, danças vocabulares.

Gestos que abrem espaços vazios para outras composições, possibilidades de entrar pelo entre-aberto em palavras. *A expressão deve despedaçar as formas, marcar as rupturas e as ramificações novas. Estando despedaçada uma forma, reconstruir o conteúdo que estará necessariamente em ruptura com a ordem das coisas. Antecipar, adiantar a matéria.* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 43-44).

Segmentar sem silabar, apenas des-construir, desconectar o nome da coisa. Considerar a coisa em si para pensar em espaços, hiatos, dobras naquilo que nomeamos Educação. Abrir fendas por entre as letras e dar-lhes uma chance de pulsar, mexendo-se. Provocar o soluço da língua, exercício de gagueira na palavra Educação, abrindo brechas ao pronunciar educa-duca-ção; cada-ção...

Com Deleuze, des-territorializar procedimentos, experimentar sensações invertendo os sentidos do nomeado, abrindo os poros para percepções mais integrais, de corpo inteiro. Julia Almeida aproxima Filosofia da diferença de Literatura e dobra/des-dobra a teorização

lingüística fundada em uma matriz bidimensional, representada pelo par palavra-coisa, na proposta de:

“**abrir as palavras**”, para: “... extrair das palavras e da língua os enunciados que integram estratos e seus limiares” e “**abrir as coisas**”, de forma a: “... extrair das coisas visibilidades como construtos próprios de um estrato, provocando a aparição do enunciado de delinqüência” (ALMEIDA, p. 63).

Enunciado de delinqüência que vibra nos escritos poéticos de Manoel de Barros, assim: *Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras. Sou formado em desencontros. A sensatez me absurda. Os delírios verbais me terapeutam.* (2006, p.49).

Varal de palavras

Pensar nomes em conexão com gestos. E desta aproximação, recolher a pulsão da palavra-valise Educação. Desmontá-la inicialmente em dois fragmentos, intensificando o que tensiona em *Educa*: enforma, formata. Considerar o vocábulo Fôrma na sua modalidade molde, modelo, encaixe, desenho, formato da coisa. Esticar o fragmento *Ação*, movimentando sua forma - fazer, procedimento, deixando que pulse na palavra Forma o modo de fazer, jeito de proceder, a maneira. Deste estiramento vocabular, abrir o leque da idéia de *Educação* para problematizá-la: Fôrma que se forma? Forma de enformar? En-formação... Des-enformar a escrita - do lugar/prisão/território: escola - para despi-la de sua forma-fôrma aprisionada na linguagem educacional, num *delírio verbal*, que se deixa:

Escrever menormente:

No menos, somente.

Em perigo, totalmente.

Redemoinhando e dançando no meio da rua:

Gente,

Gente,

Gente.

Palavras tecidas

rasgadas em tiras,

farrapos.

Forma-r - de-forma-r - trans-forma-r

Palavras-resto esfarrapadas,
 farfalhando por
 superfícies manchadas,
 territórios molhados,
 espaços tingidos:

Forma-r - de-forma-r - trans-forma-r

Varal de palavras borradas por jorros de tinta
 Farrapos piscantes,
 Restos inconstantes,
 Metamorfoseados:
 Papa do de-trans-forma-r

Pulsar

Criaturas

Caricatas

Caricaturas

Criaturidade

Pulsar

Caetano Veloso/Augusto de Campos

*Onde quer que você esteja
 Em Marte ou Eldorado
 Abra a janela e veja
 O pulsar quase mudo
 Abraço de anos-luz
 Que nenhum sol aquece
 E o oco escuro esquece*

© Editora Gapa

**Prismas em Pink Floyd:
 Partículas?
 Ondas?
 Fluxos caleidoscópicos**

Gestos de chacoalhar em que se pretendem caleidoscópicos fluxos no movimento de esparramar letras, despregando-as dos objetos, nomes e procedimentos que antes nomeavam. E no remelexo, inventar outros jogos, propor **formatos** outros para o **procedimento** de educar. Sugar do poeta a vibração artística, já que:

Arte não tem pensa:

O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo.

Isto seja:

Deus deu a forma. Os artistas desformam.

É preciso desformar o mundo:

Tirar da natureza as naturalidades.

Fazer cavalo verde, por exemplo.

Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall. (BARROS, 2006, p.75).

Abrir-se a novas arquiteturas do educar, sem pressupor o gesto, apenas exercitando esboços, rascunhos, ensaios. Possibilidades de pensar a aproximação da arte em sua pulsão estética com maneiras de *desformar* a educação. Tirar da educação suas naturalidades, fixadas em currículos e metodologias que não nos deixam transver o mundo. Esvaziar toda a substância educacional que pesa, que não se deixa digerir, que não nos deixa dançar - no dizer de Nietzsche – nem fazer a educação voar... Assim como noivas em Chagall.

Esta busca por uma educação como experimentação, pelo contato vicinal, convida a quem se dispõe enveredar por corredores e salas, permitindo-se sentir o escorrer e o pulsar do sangue nas veias, no ritmo de batidas cardíacas, no compasso da respiração, vivendo intensidades pelas entranhas viscerais e não pelo fora epidérmico.

Sentir a educação pulsar não se propõe a significar relações a partir de elementos dados, endurecidos, assim como as que aparecem no par ensino-aprendizagem. Posto que o aprendizado escorre, foge ao controle, antes quer pensar do que se compõe suas entranhas; deixar-se impregnar, empapucar-se na substância e aceitar as vísceras no/do contato com os outros: educasensação. Quer prospectar a educação, ir atrás do que não está dado, propor uma educação ao contrário para perceber o que se pode liberar na/da educação, por suas intensidades: educacionalidade, trabalhando com a idéia de educação como potência, força

que gera excessos, abrindo-a para os barulhos ensurdecadores, tonalidades e movimentos que se efetuam num

Ritornelo *Non-sensorial*:

Olhos de escutar: silêncios: rumores

Ouvidos de ver: radares: sensores

Bocas pra cheirar: ventosas: humores

Narizes de comer: paladares: vorazes

Educacionalidade, educasensação: Ensaiair os olhos até conseguir escutar silêncios. Suportar na pulsação do silêncio a sua musicalidade, seus tons de espera, de pausa. Extrair dos espaços vazios de sons a potência da escuta. Perceber rumores, murmúrios. Afinar os ouvidos até que eles enxerguem, até que se tornem radares, sensores... Enxergar, na mistura de cores, os brilhos e os pulsos luminosos do abrir e fechar dos olhos, vaga-lumeando percepções de mundo.

Abrir a boca até que ela capture cheiros, sugando humores, por mucosas metamorfoseadas: ventosas... Degustar e deglutir, comer o mundo pelos olhos, narinas e boca, e fartar-se. Aspirar, com vorazes narizes, paladares possíveis que anunciam prazeres do cheiro e do gosto. Soprар palavras que se espalham: hálito, vento-ventania, barulhando formas, amorfás, coloridas, dançantes.

De-trans-forma-r

De-trans-forma-r a educação: deixar fluir, escorrer, desabar, sem pretensão de reconstruir. Permitir-se conviver com o arruinamento, o desmoronamento. Desinventar a educação. Olhar com olhos crus, despi-los das róseas lentes da pedagogia moral e saber que o gesto de educar é pulsante, balançante e bagunçante das certezas. Assim como a poesia...

Se, para Manoel de Barros²: *Para entrar em estado de árvore é preciso partir de um torpor animal de lagarto às três horas da tarde, no mês de agosto*, o processo de ser uma

² www.eduquenet.net/images/fotmbarros.jpg, consultado em 29/06/2007.

Área Temática: Educação Visual, Linguagens Visuais e Arte

árvore só se completa quando os galhos nascem do próprio corpo, saindo da voz. Tornar-se a coisa, ser a coisa em seu estado mesmo. É o delírio da sintaxe, em que substantivos ganham qualidades inusitadas, gerando um sentido completamente novo, totalmente "desacostumado".

Ao escrever apenas o rumor das palavras, sem dar-lhes significado, o poeta as aproxima de coisas, de objetos que podem ser quase tocados, assim: *Em dois anos a inércia e o mato vão crescer em nossa boca. Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato sair na voz.* (BARROS, 1993).

Ou ainda, para que se exercite a decomposição em:

*Giros de pratos equilibristas na comprida mesa do circo,
passos apressados,
braços atarefados,
pratos espatifados.*

Se a educação pode ser pensada como um movimento dos campos de pensamento, é preciso desalojar-se das certezas, evitar a formulação de perguntas que pressupõem respostas. Apostar na educação como dança, como que tradução de movimentos, como que em pulsação; para que não seja nem isto nem aquilo, conectando-se pelo *ou*, mas que seja *e* isto, *e* aquilo, *e* aquilo outro, *e* outra vez, posto que conectada pelo *e*: ensaios de orquestra, em arremedo felliniano.

Nesta seqüência de imagens e leituras fiz um convite para pensar o vocábulo Educação em sua potência múltipla, pluralizando-o para abarcar sentidos de: homens, mundos, sociedades, conhecimentos, aprendizagens. Com estas imagens, podemos assumir vias, veredas e trilhas, que nos arrastem para outras buscas...

Professorar na contemporaneidade pode nos convidar ao embarque em viagens para o caos. Esta nova rota se propõe a desestabilizar viajantes que antes rumavam para o futuro, convidando-os a passear, a deslocar-se por intensidades de fluxos em direção ao devir. Proposta de exercitar uma relação mais móvel, sem fixidez, mais nômade, que aconteça em espaços horizontalizados, em rede, sem fronteiras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. **Estudos deleuzeanos da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

AMORIM, A. C. R. . Nos limiars de pensar o mundo como representação.**Pro-Posições**, Campinas: UNICAMP. v. 17, n. 1, p. 177-194, 2006.

BARROS, M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro, Record, 1993.

_____. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro, Record, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka, por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HOUAISS. Dicionário eletrônico. Disponível em:

<http://www.dicionariohouaiss.com.br/dicionario>. Acesso em: jul. 2007.

ALDA REGINA TOGNINI ROMAGUERA

Pedagoga; atualmente exerce as funções de coordenadora pedagógica de Ensino Fundamental na Escola do Sítio, em Campinas; de orientadora educacional da Faculdade Municipal Prof. Franco Montoro, em Mogi-Guaçu; de professora de cursos de graduação e pós-graduação em Pedagogia e Psicologia, ministra disciplinas nas áreas de Metodologia, Currículo e Filosofia.

Instituição e complemento: UNICAMP – Faculdade de Educação - OLHO

E-mail: aldaromaquera@hotmail.com

Recebido em: 10/07/2008

Publicado em: 20/10/2008